

## Breve história de uma Linguística do mundo da vida Entrevista com Izidoro Blikstein

**Corpus:** Professor, eis a primeira questão que nos afeta... Gostaríamos que o senhor nos falasse um pouco sobre sua formação pessoal, profissional, no Brasil, fora do Brasil. Como isso foi acontecendo e se voltando para as questões da língua que o senhor tratou durante toda sua carreira?

**Blikstein:** Bom, em primeiro lugar, antes de responder à questão, eu gostaria de agradecer-lhes por essa oportunidade para falar um pouco do meu trabalho e cumprimentá-los pela participação nesse encontro sobre Análise de Discurso<sup>1</sup>.

Sobre minha formação. Bom, primeiro eu falo sobre as minhas origens, mas vamos tentar ser concisos. Eu nasci em Araguari, no interior do triângulo mineiro. Vivi em Araguari a minha vida de garoto, até os 15 anos de idade, depois, dificuldades familiares, a doença do pai, fizeram com que nós migrássemos, primeiro, para Santo André, no Estado de São Paulo, depois, para São Paulo. E essas mudanças levaram-me por caminhos que eu nunca imaginaria trilhar.

A gente nunca sabe por onde a vida nos leva, mas o fato é que, estando lá em Santo André com a minha família, nós tínhamos de trabalhar para sustentar a casa. Meu pai, infelizmente, já tinha falecido, mas ele insistia muito na ideia de que nós deveríamos ter um diploma, todos os filhos deveriam ter um diploma, não importa o que acontecesse; ele não pensava em riqueza, mas em ter um diploma universitário. Então, eu acalentei esse sonho e resolvi, embora trabalhasse durante o dia, estudar à noite. Ingressi no Colégio Estadual Dr. Américo Brasiliense, em Santo André, e comecei a fazer o meu colegial lá, sem saber exatamente onde eu iria parar. Mas a vida tem seus caminhos, e apareceu um jovem professor de Português, revolucionário, que nos levava a fazer análise de romance, de textos. Era o Prof. Dino Preti. Acho que já ouviram falar dele, não é? Então, ele foi meu professor de Português e me incentivou muito a fazer alguns trabalhos de exegese literária; eu fiz um trabalho sobre Machado de Assis, sobre Quincas Borba e entreguei o trabalho; quando ele devolveu, disse-me: sobre o seu trabalho, eu quero conversar com você, em particular. Perguntou: O que você pretende fazer na vida? Eu não sei, Engenharia, Medicina, eu não tenho a menor ideia. Por que você não faz Letras? Porque o seu trabalho mostra que você tem uma grande vocação para Letras, a análise que você faz do texto machadiano... E aí, ponto, isso foi o

---

<sup>1</sup> O entrevistado refere-se ao II Colóquio Internacional de Análise do Discurso, realizado de 16 a 18 de setembro de 2009, na UFSCar, ocasião em que esta entrevista foi realizada.

estopim. Vou fazer Letras. Fui à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que era na Rua Maria Antônia, e vi lá um quadro de formatura de alunos e estava lá: em Letras Clássicas, a foto do Dino Preti. Aí eu pensei: eu vou fazer Letras Clássicas. Fui aprovado no vestibular. A primeira coisa que eu fiz foi contar ao Dino Preti que eu ingressara na faculdade, e ele disse: Você está louco, que é isso? Letras Clássicas, você não sabe onde você entrou, você vai estudar Grego, Latim, Sânscrito; é um curso difícilíssimo, tem lá o professor Aubreton<sup>2</sup>, que é um professor de Grego, e ele vai tirar o seu couro, você vai ver as notas que você vai levar e tal.

Bom, mas eu fiquei entusiasmado e fui fazer o Curso de Letras Clássicas. E eu me lembro que levava até o dicionário que eu citei na palestra<sup>3</sup> o *Dicionário Grego-Francês*, de Anatolle Bailly, que é um tijolo enorme. Eu levava no joelho porque eu morava em Santo André, pegava o trem da Santos-Jundiaí para São Paulo, para assistir ao curso noturno, e eu punha o dicionário no joelho e ia fazendo os exercícios de Grego, no joelho, no trem. O primeiro exercício que eu fiz, eu tive acho que: 0,25. O professor disse: Continue estudando, você vai melhorar.

O fato é que eu me emocionei tanto com esse curso que eu me dedicava de corpo e alma a ele. Até que o professor Aubreton, que era um professor de Língua e Literatura Grega, quando eu estava lá pela altura do segundo ano, ele disse: O senhor vá preparando as suas malas. Eu falei: Por que professor? Talvez esse ano eu peça bolsa de estudos para o senhor ir para a França fazer o seu mestrado, o seu doutorado lá, em Filologia Grega. Quando eu ouvi isso, eu quase desmaiei, falei: Eu, lá de Araguari, vou lá para França, como é que é isso? Bom, foi o que aconteceu. Eu ganhei a bolsa de estudos, fui para França, e vou dizer a data, isso é em 1961. Lá fiquei cinco anos. Voltei em 1965 porque, ao ir para a França, eu fiz o meu mestrado, o meu doutorado, mas também consegui um posto na universidade que é o de leitor, que eles chamam “lecteur”, leitor de Literatura Luso-Brasileira; era um assistente da cadeira de Espanhol. Então, com esse emprego eu consegui ficar os cinco anos na França. E a França foi uma espécie de segunda infância, eu tive de aprender tudo de novo. Outra língua, outro povo, outros costumes e essa aprendizagem foi marcante para minha formação porque desenvolveu, despertou um interesse pela comunicação, porque eu tinha de me comunicar em Francês e, ao mesmo tempo, ensinava Português para os alunos franceses e ensinava Literatura também.

---

<sup>2</sup> O entrevistado faz referência ao professor Robert Henri Aubreton.

<sup>3</sup> O entrevistado refere-se à conferência *Alcances e limites da Semiologia*, proferida em 18/09/2009, durante o II Colóquio Internacional de Análise do Discurso.

E eu me lembro, eu estava lá em 1964, quando o filme *Vidas Secas* foi exibido em Cannes. Então, eu entrei em contato com a embaixada do Brasil e pedi a eles se poderiam me emprestar o filme para passar para os alunos, lá em Lyon. Eles disseram: Olha, se você vier aqui em Paris, pegar o filme, nós emprestamos. Eu peguei um trem de Lyon para Paris. A embaixada me emprestou o filme, eu o vim carregando debaixo do braço; nós alugamos uma sala em Lyon e projetamos *Vidas Secas*. A cidade inteira veio ver ao filme que foi aplaudidíssimo. O pessoal admirou que o cinema brasileiro fosse capaz de transmitir um problema desse alcance: a vida miserável no nordeste. Por isso que eu comentei, na palestra, que o filme foi premiado lá em Cannes, no Ofício Católico do Cinema<sup>4</sup>.

E lá eu comecei a desenvolver o meu mestrado sobre Filologia Grega; eu deveria estudar e explicar as origens do infinitivo Grego. O Sânscrito também eu tive de estudar porque era obrigatório para fazer o curso de gramática comparada. Aconteceu que meu orientador chegou um dia e disse assim: Você já leu isso? E jogou para mim um livrinho: *Linguística Estrutural*, do André Martinet. Você já ouviu falar de estruturalismo? Eu não tinha ouvido falar. Bom, leia esse e leia este livro que se chama *Origens da formação de nomes em Indo-Europeu*, do Émile Benveniste.

Eu li os dois livros; os dois foram básicos para minha formação porque Émile Benveniste para mim foi uma revelação, uma descoberta, as ideias linguísticas dele. E eu, de repente, comecei a namorar com a Linguística, fui pouco a pouco me afastando da Filologia Grega, entrei na Linguística, na Semiótica, na Semiologia. Terminei lá o meu mestrado, voltei ao Brasil, ingressei na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, a então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para trabalhar com o professor Isaac Nicolau Salum e o professor Theodoro Maurer, na cadeira de Filologia Românica. Isso em 1965. E comecei a lecionar Linguística, na cadeira de Filologia Românica. E desenvolvi os meus trabalhos, a minha tese de doutorado que eu tinha começado na França. Minha tese de doutorado era sobre a família de nomes da cabeça em Indo-Europeu. Começava com o termo cara, que em Grego significa cabeça, e eu deveria analisar toda a ramificação, todo o campo léxico-semântico dessa família. Foi um trabalho insano porque eu tive de trabalhar com Grego, Latim, Sânscrito, investigar toda a etimologia dos termos, mas foi esse trabalho que acabou me formando porque eu adquirir uma competência, se eu puder dizer assim, para trabalhar com etimologia, com origem das línguas, etc. Eu me interessei pelos estudos de Indo-Europeu e depois também da Comunicação, Semiótica e Linguística.

E lá pelas tantas, um outro acontecimento mudou o rumo da minha vida. Estavam necessitando de um professor de Linguagem e Comunicação, na

---

<sup>4</sup> O entrevistado refere-se à conferência *Alcances e limites da semiologia* (18/09/2009).

Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Eu pensei: Meu Deus do céu, o que eu vou fazer lá? Mas precisavam de um professor, eu então comecei a lecionar Linguística, Comunicação, Comunicação Oral, Comunicação Escrita para os estudantes de Administração.

E eu descobri um outro campo de trabalho enorme que era justamente o campo do discurso: preparar, ensinar as pessoas a produzir uma boa comunicação escrita e uma boa comunicação oral, porque, imaginem, em uma empresa, se alguém manda uma mensagem errada, pode comprometer o produto, a venda do produto, etc.; então, é necessário escrever bem e falar bem numa empresa.

Em consequência disso, eu acabei produzindo os dois livrinhos, o *Técnicas de Comunicação Escrita* e o *Como Falar em Público*. E a experiência na Getúlio Vargas foi, eu digo, uma terceira infância, porque eu tive de aprender uma outra forma de atuar junto aos alunos, isto é, ensinar teoria, mas ensinar a prática também. Os alunos precisam saber como usar conceitos e teorias no trabalho. Consequentemente, em razão disso, eu comecei a desenvolver uma consultoria para as empresas na área de Comunicação. Acabei criando um modelo de treinamento que nós chamamos de *mídia training*, que é preparar os executivos para falar em público. Eu percebia que a base desse ensino era a Semiologia e a Semiótica porque eu tinha de mostrar como eu tenho de cuidar da expressão verbal e da expressão corporal também, gestos, atitudes, etc.

Eu me lembro de um executivo, desculpe, eu vou dar um exemplo que é um pouco forte: tudo que esse executivo dizia era acompanhado de um gesto assim [*união das mãos que sugere, grosso modo, o formato da genitália feminina*]. “Bom, porque vocês sabem, etc. e tal” [*Exemplifica a pessoa falando e fazendo o gesto com as mãos... risos do grupo*]. Eu disse: não faça esse gesto porque ele tem uma conotação negativa, um pouco erótico-obscena, mas isso é uma questão semiológica, quer dizer, é o signo que passa um determinado conceito, etc.

Então, eu procurei casar as duas experiências, a da USP e a da Fundação Getúlio Vargas. E, nesse meio tempo, eu dava um curso de pós-graduação sobre Semiologia. Um dos alunos (os alunos sempre me ensinaram), um dos alunos disse: Professor, eu gostaria de, no meu seminário, fazer uma apresentação de um filme que está aí na cidade (isso já faz um certo tempo), *Kaspar Hauser*, o senhor já viu *Kaspar Hauser*? Não, não vi, não. Não tinha a menor ideia. Ele passou durante o seminário, nós começamos a discutir e o curso que era de Semiologia se transformou em Semiologia aplicada ao caso de *Kaspar Hauser*. Era um curso de doze aulas e as seis últimas aulas foram sobre *Kaspar Hauser*. Inspirado nessas discussões, eu produzi o ensaio, que é o *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade* e eu partia exatamente desse pressuposto: eu não posso analisar o signo linguístico sem o extralinguístico, que na verdade não é extralinguístico; ele faz parte da própria construção do

signo, e eu comecei a desenvolver estudos sobre a questão do referente, a ligação do referente com o significado, com o significante, e aí por diante.

É nisso que eu me encontro atualmente, desenvolvendo pesquisas sobre o discurso, o modo como o discurso pode camuflar a realidade, pode criar uma outra realidade, e vocês que trabalham com isso devem conhecer muito bem essa questão. Então, a minha preocupação no momento atual é com o discurso político, o discurso empresarial, porque eu noto que as pessoas são capazes de dizer certas coisas de uma forma absolutamente inconsciente, sem perceber que estão carregando estereótipos e verdadeiros disparates na linguagem, como um exemplo famoso de alguém que falava sobre a questão do racismo e dizia: Eu considero que o racismo é uma mancha negra para o mundo. Eu pensei: mas não pode ser uma mancha branca por acaso? Por que criticar o racismo, falando em macha negra, não é? [*Risos do grupo*]. Então, são esses lapsos de linguagem; por isso é que eu menciono Freud também, porque esses lapsos de linguagem traduzem, na verdade, toda uma estrutura semântica, cheia de pressupostos, de estereótipos, e as pessoas frequentemente estão dizendo algo que contraria a própria ética do indivíduo. Então, essa é uma ideia geral da minha formação, do meu trabalho.

**Corpus:** Professor, em relação à sua história, seu percurso: se fosse contar a história da Linguística no Brasil, a partir de seu conhecimento, de sua perspectiva, de sua vivência, trazendo nomes, instituições, obras que circulavam no começo da Linguística no Brasil, como o senhor contaria essa história?

*[Antes de responder, Professor Izidoro para por um instante, olha ao seu redor e pergunta o nome de cada um dos integrantes do grupo do Corpus que o assistia e entrevistava, bem como tece comentário sobre um dos 'signos emblemáticos' que um dos integrantes trajava, a saber, uma boina].*

**Blikstein:** Eu diria que a Linguística, a Linguística de um modo geral e a Linguística no Brasil tem vários começos, e a gente pode contar várias histórias, até mesmo a partir do conceito de intertextualidade. Mas, antes, cabe uma advertência, e essa advertência quem a fez não fui eu, foi o grande linguista Eugenio Coseriu. Coseriu, em um livro chamado *El hombre y su lenguaje*, que ele publicou pela editora Gredos. Eu tive o prazer de visitá-lo em Tübingen e sua obra é considerável e eu acho essencial para a Linguística, alguns conceitos como norma, sistema, sincronia, diacronia que são do Saussure, mas que ele explorou de uma maneira muito rica. E o Coseriu, eu assisti a várias palestras dele, é de uma cultura quase que ilimitada, falava várias línguas, falava naturalmente Francês, Inglês, Alemão, Romeno, Italiano. Falava o Espanhol, o Português de Portugal e o Português do Brasil. Quando eu me apresentei e disse que era brasileiro, ele falou: Ah, pois, pois, então eu vou falar

em Brasileiro. Além disso, conhecia todas as línguas clássicas e toda a cultura clássica. Então, ele era um crítico impiedoso dos linguistas modernos, inclusive Chomsky. Ele tem uma crítica amarga a Chomsky dizendo que essa história de competência e performance já existia na Antiguidade Greco-Latina. Chomsky não inventou nada e, aliás, muita gente pouco inventou, e aí ele conclui e é essa a advertência: a história da Linguística é uma história cheia de ocos porque frequentemente afirmamos certas coisas que já foram ditas anteriormente, só que a fonte não era conhecida, não era conhecida e, portanto, dá a impressão de que o indivíduo está dizendo a última palavra a respeito, e não é a última palavra. Há toda uma intertextualidade que começa na Literatura Sânscrita. Então, em Sânscrito, na Literatura Sânscrita, havia um estudioso do significado das palavras que era Chacravarti, que já tinha dito coisas que aparecem na Linguística saussureana, relação entre significante e significado, tudo isso que já estava lá, com outros nomes, evidentemente. E é claro, Platão, particularmente com o *Crátilo*, mas em outros diálogos também, já tinha praticamente plantado os grandes temas da Linguística, por exemplo, relação entre palavras e a realidade, arbitrariedade e motivação do signo; esses grandes temas já se encontravam no *Crátilo*, de Platão. De modo que, se eu tivesse de falar da história da Linguística, eu deveria recuar a um longínquo passado porque a história das ideias linguísticas, como diz Coseriu, é uma longa história, mas cheia de ocos. Quem quiser captar um momento da história da Linguística pode ir ao século IV, por exemplo, vai a Santo Agostinho. Santo Agostinho tem uma série de considerações sobre o signo: o signo é algo no lugar de algo. É a representação da realidade. De modo que eu iria a Santo Agostinho, eu iria a Aristóteles. Então, assim como a Linguística tem vários começos, a Linguística no Brasil também tem vários começos. Mattoso Câmara Júnior, que é um grande linguista, mas antes dele nós tivemos estudiosos no século XIX, no século XVIII, na Literatura Portuguesa, na Literatura Brasileira. O próprio Vieira era um linguista e um semioticista *avant la lettre*, já praticava a Semiologia e a Linguística.

Mas para falar da ciência Linguística propriamente, isso sem mencionar os gramáticos, por exemplo, que trataram também do signo, Júlio Ribeiro, autor de *A Carne*, tinha uma gramática também. Então, para se ter uma ideia da história das ideias das gramáticas, é só consultar os trabalhos da professora Leonor Fávero que tem uma verdadeira história da gramática e das ideias linguísticas. Em uma ocasião, eu fui convidado pelo professor Salum para escrever um artigo para o jornal *O Estado de São Paulo*, era o suplemento literário, que infelizmente hoje não existe mais. Eu escrevi, nesse suplemento, um artigo sobre “100 anos de Linguística no Brasil”, em que mencionava esses precursores das ideias linguísticas, Júlio Ribeiro, por exemplo, gramáticos, Said Ali, que é um linguista também e, às vezes, não linguistas que falaram sobre o

signo linguístico, por exemplo, Fidelino de Figueiredo, que é o grande crítico da Literatura Portuguesa.

Então, é muito arriscado dizer que a Linguística começou com fulano de tal, porque a própria cadeira, chamada cadeira de Filologia Românica, criada na Universidade de São Paulo, ela já foi um princípio da Linguística, se bem que os seus mentores, professor Salum e professor Maurer, fizessem questão de dizer que eles não praticavam a Linguística Sincrônica, mas era Linguística Diacrônica, Linguística Histórica. E insistiam nisso, mas faziam a Linguística Sincrônica também. E Mattoso Câmara, na Universidade do Brasil, também criou toda uma tradição de Linguística, com estudos fundamentais para a Linguística e, particularmente, a Linguística no Brasil.

Falando especificamente de São Paulo, a Linguística começou, lá em São Paulo, como uma disciplina dentro da Filologia Românica. Nós éramos professores de Filologia Românica e tínhamos de lecionar, no primeiro ano de Letras, Linguística Geral, isso por volta de 1968-69, quando começou o ensino da Linguística como uma disciplina obrigatória no curso de Letras, então nós começamos a ensinar Linguística e vários professores se incorporaram à cadeira de Linguística, além do professor Salum e do Maurer. Mas a Linguística se iniciou e começou a desabrochar não muito facilmente. Ela desencadeou uma onda de ódios e inimizades também, porque ela começou, a Linguística (e a Semiologia), começou a penetrar nos outros terrenos, da Literatura, do ensino de línguas, etc., e algumas pessoas ficaram muito melindradas com isso. Eu me lembro de um professor de Literatura (porque no meu curso eu estava falando de *Vidas Secas*), esse professor de Literatura me procurou e disse: Escuta, você está invadindo meu terreno, você anda falando de *Vidas Secas*, no Curso de Linguística, por que você não dá só Linguística? Interessante a observação, porque eu não conseguiria dar só a Linguística, aliás, dar só a Linguística é dar nada. A linguagem, ela envolve as várias dimensões do ser humano, a estética, a filosófica, a ética, etc. Se eu cortar essas dimensões, eu estou fazendo uma meia Linguística. Como disse o Roman Jakobson: “Um poeta surdo à função linguística e um linguista surdo à função poética e às outras funções são dois flagrantes anacronismos”. Ele dizia por aí que os linguistas têm de se dedicar aos outros campos, mas ele foi duramente criticado pelo André Martinet que, ao ser indagado sobre Jakobson, disse: *Il est plutôt genial que sérieux* (Ele é muito mais genial do que sério). Isso porque Jakobson entrava nos vários terrenos, na Antropologia, na Poética, enfim, e eu dizia, graças a Deus que ele faz isso, porque é isso que dá um pouco de vida à Linguística. Um grande estudioso, Mário Wandruska, chegou a dizer que esse excesso de elucubrações teóricas está matando a Linguística, é preciso que a Linguística recupere o seu rosto humano, que ela permita, possibilite a investigação semiológica no mundo da vida, como prega o Bakhtin.

Então, conseqüentemente, a Linguística despertou muitos ódios, mas isso não impediu o seu progresso e pouco depois, já final da década de 60, 70, ao ser criada a Unicamp, foi criado o Departamento de Estudos da Linguagem, o IEL, com todo um grupo que fez Linguística em Besançon, Carlos Franchi, infelizmente falecido, Haqira Osakabe, grande amigo meu, infelizmente falecido, Rodolfo Ilari, Carlos Vogt, que foi o reitor da Unicamp, poeta e linguista, então todo um grupo, que criou o centro de Linguística na Unicamp. E depois na UNESP, particularmente com o professor Francisco da Silva Borba, autor do *Vocabulário de Linguística* e vários outros importantes trabalhos. Mas, apesar dos ódios e das inimizades, a Linguística foi ocupando terreno até se criar o departamento de Linguística, que gerou teses, mestrados, doutorados, publicações, professores que se formaram lá e foram para outras universidades, criando outros centros. Citaria especialmente o Prof. José Luiz Fiorin, a Prof.<sup>a</sup> Diana Luz Pessoa de Barros. Nós tivemos um professor, grande estudioso da Linguística e da paráfrase na Linguística, que provavelmente vocês devem conhecer porque ele é do Rio Grande do Sul, da Universidade de Passo Fundo, mas agora já está em São Paulo, é o José Gaston Hilgert. Mas isso é apenas um exemplo dessa ramificação, dessa proliferação da Linguística no Brasil e com muitos rumos, a Análise do Discurso, a Linguística Computacional, os estudos voltados para a Fonética, a Morfologia, a Morfossintaxe. Agora, o que eu acho que me atraiu mesmo é a Linguística e a Semiologia voltadas para o extralinguístico, todo o mundo da vida, com o quer Bakhtin.

Um acontecimento nessa história da Linguística foi marcante. Em 1968, nós recebemos a visita de Roman Jakobson, ele veio ao Brasil justamente no período em que eu estava terminando a tradução de alguns de seus ensaios e a Livraria Cultrix conseguiu publicar. Nós tivemos a oportunidade de conversar com o Jakobson, que era uma figura encantadora, de uma riqueza humana, e eu pedi a ele que dissesse algumas palavras para o prefácio do *Linguística e Comunicação*. Lembro até hoje, fui ao hotel onde ele estava em São Paulo, ele ditou algumas palavras que estão lá no prefácio do livro, e quando o livro foi publicado e começou a ser divulgado, aí o esquema de funções da linguagem explodiu nas universidades e depois passou até para o ensino médio porque os livros, hoje, passaram a ensinar os esquemas de funções da linguagem. E com essa ramificação, essa floração da Linguística, eu acabei levando um pouco de Linguística e de Semiótica para o ensino da comunicação na Administração. Então, lá há alunos que acabaram fazendo suas teses de mestrado sobre a Semiótica aplicada ao universo e ao cenário das organizações, porque em uma organização empresarial, seu funcionamento se faz por signos e símbolos também. Toda a hierarquia empresarial, os espaços empresariais, tudo é marcado por signos, símbolos, índices e assim por diante. Então, eu procuro, no ensino da comunicação, treinar os alunos para a observação desses índices,



signos e símbolos. Vamos dizer assim, que em termos históricos, a Linguística realmente começa nesses grandes centros e depois vai se ramificando para outros Estados, outras universidades, então acho que as universidades federais têm um papel fundamental aí, na medida em que elas estão no Brasil todo e que investem no ensino da Linguística, mas o começo foi nos anos 60, então, a visita de Jakobson foi um estrondoso sucesso. Os auditórios lotados pelos estudantes na USP, na Mackenzie, na Aliança Francesa, em vários lugares por onde ele falou. Eu me lembro que o auditório da Aliança Francesa estava fechado, ele não pôde falar lá, então o que nós fizemos? Conseguimos um lugar no anfiteatro do SESC, que era na Rua Dr. Vilanova, perto da Rua Maria Antonia, onde funcionava a faculdade. Então, Jakobson foi com os irmãos Campos, Augusto e Haroldo de Campos, conosco caminhando a pé da Aliança Francesa até o SESC e aquele povão todo atrás para assistir à palestra dele. E ele então deslumbrou o público, abrindo os horizontes da Linguística, e da Semiótica e da Semiologia. E quantas teses e trabalhos não se produziram sob o impacto da visita de Jakobson? E eu me lembro, na sua fala, os ditos muito bem humorados, e no último jantar que foi oferecido a ele, ergueram brindes; então, mostrando o seu espírito jovem, disse em francês: *Je veux saluer surtout la mulatresse brésilienne*, a mulata brasileira que ele admirou pela beleza. Então, eu diria que a Linguística teve vários começos, com alguns tropeços, alguns problemas, mas ela acabou frutificando e ela está aí.

**Corpus:** Professor, o senhor é um acontecimento histórico vivo, é o que percebemos pela sua rápida apresentação de uma longa trajetória, com vários acontecimentos relevantes, de modo que por si só é uma referência. E o senhor disse, em outro momento, que Eric Buysens foi significativo na sua vida, uma referência em seus estudos, quer dizer, o senhor está nos dizendo que lá à frente ainda vamos ter algo mais para ver e acrescentar ao que estamos aprendendo agora...

*[Antes de responder, professor Izidoro faz comentário se reportando à etimologia grega do nome do entrevistador...]*

**Blikstein:** Eu poderia dizer o seguinte, também me lembrando das palavras do meu grande mestre, que foi o meu professor Salum e orientou as minhas duas teses, a de doutoramento e a de livre-docência. Aliás, entre parênteses, contando um episódio, o professor Salum era alguém que tinha duas grandes qualidades: a disponibilidade e a horizontalidade. Quando eu me dirigia a ele, ele nos colocava em uma posição horizontal, eu não era um discípulo-aprendiz, eu era um igual a ele, eu sei que não era igual a ele, eu não tinha a sabedoria dele, mas não havia nenhuma barreira para conversar com ele, ele não tinha o ranço do catedrático apesar de sua imensa cultura. Ele era disponível o tempo todo e praticava uma Linguística do mundo da vida, quer

dizer, não era só em sala de aula, fora da aula também, conversando com pessoas dos mais diferentes níveis, ele estava sempre criando lições de Linguística.

Eu me lembro de uma ocasião em que eu o acompanhei até casa dele, ele estava carregado de livros, tomou comigo o bonde, existia o bonde ainda que levava a gente da Maria Antônia (da faculdade) até a Vila Mariana, onde ele morava. Ele, no bonde, viu o motorneiro, o motorista do bonde, e o professor Salum era mineiro como eu, e disse: Uai, mas faz tempo que eu não te vejo aí Pedro (eu acho que era o nome dele). Ah, mas sabe, acontece o seguinte, a minha mãe estava doente e eu fiquei no hospital com ela, agora, graças a Deus, ela melhorou e eu voltei a trabalhar aqui, aliás, digo, a minha progenitora estava doente. O professor Salum virou-se para mim e disse: Isso é uma lição de hiperurbanismo, ele não disse para o motorneiro, mas disse para mim. Como ele sabe que eu sou professor na USP, ele achou que não fica bem usar ‘mãe’, então ele usou ‘progenitora’ que é mais ‘chique’. É uma lição de urbanismo, a pessoa quer falar melhor do que o seu registro normal. Então, depois de algum tempo, o motorneiro virou: Aliás, professor Salum, qual é o certo, mãe ou progenitora? Ele falou: Olha, você é o primeiro filho? É, eu sou. Então, progenitora, é a mãe do primeiro filho, dos outros ela é simplesmente genitora; como primogênito, você é o primogênito, ela é sua progenitora. Mas, olha (pôs a mão no ombro do rapaz) pode falar mãe mesmo, que fica melhor, viu! [*Risos do grupo*].

Então, eu queria dizer o seguinte, você mencionou o Buysens, que era uma figura de uma simplicidade marcante, o nosso trabalho na universidade é ter essa qualidade da disponibilidade, estar sempre disponível para criar lições de Linguística, de Semiologia o tempo todo e, portanto, cada momento, é um momento que merece ser vivido. Eu falei aqui de repertório, eu tenho muitos colegas que têm um repertório já fechado: agora eu não quero mais saber de novidade, não quero mais saber de ninguém, terminou, eu sou titular, acabou, etc. Eu acho isso um grave erro porque nós somos e não somos, ser titular, ser livre-docente são estereótipos, na verdade, eu sou o Izidoro, que tenho essa característica, mas na verdade, eu sou um ser humano que preciso me comunicar com os outros. Então, essa foi a grande lição do professor Salum. Esse homem, na sua vasta sabedoria, ele é disponível o tempo todo. Portanto, essa ideia que você colocou de continuar sempre, eu acho que é o nosso melhor modo de viver a vida universitária.

**Corpus:** A última questão que nós gostaríamos de colocar: diante de toda essa vitalidade que a gente está encontrando no senhor, quais são os seus projetos atuais e para um futuro próximo? E há algum segredo para essa vitalidade? [*Risos do grupo*].

**Blikstein:** Bom, o segredo para a vitalidade, aqui eu devo reconhecer os enormes méritos de minha esposa [*murmúrios*] que vai me patrulhando o tempo todo e então me obriga a fazer ginástica, alongamentos, caminhadas, etc. Cuidar muito da alimentação, sempre saudável, verduras, frutas, enfim, isso tem ajudado muito. Além de uma característica minha habitual que é nunca ter fumado na vida e, depois de um certo tempo, cortar toda e qualquer bebida alcoólica. Então, às vezes me convidam, imaginem, eu vivi na França, os vinhos etc., mas a única boa bebida que eu tomo é H<sub>2</sub>O, recomendada pelo médico, ele diz, o resto não faz falta nenhuma, o resto é tudo, como disse Roland Barthes, mitologia. Vocês sabem que Roland Barthes tem um livro sobre mitologia, ele fala da mitologia do vinho francês; então, o vinho, tomar o vinho, etc., pode ser muito interessante, mas eu evito porque eu acho que o álcool mexe lá nos neurônios. Eu tenho um colega francês que é fumante inveterado, já tem os seus problemas pulmonares e também bebe muito vinho. Agora ele parou, ele me disse, em um e-mail, infelizmente eu tenho diabetes, não posso mais tomar vinho, mas tomo pelo menos o bordeaux, e eu falei, mas por que tomar o bordeaux, se isso faz mal? Não, mas um médico me disse que é bactericida [*Risos do grupo*]. Eu acho que isso é desculpa de bebem, sabe [*Risos do grupo*]. É como um outro colega que eu vi, e disse: Eu não bebo muito, mas eu bebo socialmente. Eu não sei o que é isso, o que é beber socialmente? Ou bebe ou não bebe.

Sobre os projetos. Eu estou elaborando um trabalho que se chama “A Semiologia do Álcool” - do vinho, da cerveja, etc. Eu tenho notado o seguinte, na fala cotidiana, a pessoa me convida: Vai um uisquinho aí? Vai uma cervejinha? Eu pensei, mas por que o diminutivo? O que o diminutivo esconde? O que vocês acham? [*Pergunta para o grupo, que responde: Para tomar mais.*] Para tomar mais e não ter vergonha, porque é constrangedor, toma ‘um uisquinho aí’ é uma coisinha de nada, é uma forma de amenizar. Então, o discurso do vinho tem todo um marketing, mas na verdade a melhor coisa é água mesmo.

Então, conseqüentemente, eu procuro ativar o corpo e a mente. Ativar a mente é o seguinte, eu tenho alguns grandes projetos. Um é um livro de Semiótica, Semiologia, voltado para a competência comunicativa, é uma espécie de manual em que eu procuro fazer um balanço da Semiologia, a importância da Semiologia, os conceitos, é destinado aos estudantes que vão começar um curso de Letras ou até leigos que não sabem o que é Semiótica ou Semiologia e querem aprender. Muita gente me aborda, às vezes. Outro dia, eu fazia uma viagem de avião, eu tinha um livro de Semiótica do Peirce e o pus em um banco, e um rapaz ao lado, que era executivo e estava todo paramentado com celulares, palmtop, laptop, etc., olhava toda hora para aquele livro ali, e eu captei o índice: ele está querendo saber, até que ele não aguentou e perguntou: O senhor pode me dizer de que trata, o que é isso, Semiótica? As

peças brinca que Semiótica é uma meia ótica [*Risos do grupo*]. Aí eu comecei a explicar a ele e notei o seguinte: ele ficou muito interessado, e eu disse: É preciso a gente realmente produzir um livro para iniciantes, para leigos que não sabem o que é, mas vão perceber que eles praticam a Semiótica e a Semiologia o tempo todo. Então, esse é um projeto.

Um outro projeto que estou desenvolvendo ainda está ligado ao discurso totalitário. Eu venho desenvolvendo esse tema na USP, onde eu continuo trabalhando como voluntário apesar de já aposentado. Eu tenho um curso de pós-graduação, que eu ofereço periodicamente, chamado Semiótica do Discurso Totalitário, então eu analiso o discurso nazista e outros tipos de discursos também e eu pretendo publicar este trabalho.

Além disso, desenvolvo, agora em termos mais práticos, esse trabalho de *mídia training* junto às empresas. Então, as pessoas pedem um curso de *mídia training* porque vão falar em público, em determinadas situações; agora recentemente um empresário me procurou, porque ele vai apresentar um novo produto para concorrer em uma licitação perante uma banca, não só ele, mas outras empresas vão apresentar o mesmo produto, vai haver uma licitação, e cada empresa tem 20 minutos para falar. Então, ele disse, eu tenho 20 minutos para falar, são cinco empresas, portanto 100 minutos e aí eu comecei a dar um treinamento a ele. Primeiro, eu perguntei: Você vai usar slides, PowerPoint? Vou, eu tenho até o material aqui, vou mandar para você. Ele mandou, havia aproximadamente uns oitenta slides. Eu disse: você vai falar por 20 minutos e vai usar oitenta slides? Como você vai usar os slides? Então, eu tentei corrigir uma série de problemas porque ele não usava o pointer, por exemplo, e principalmente eu procurei trabalhar expressão corporal, facial, filmando o desempenho dele e depois passando no vídeo para ele se ver, se avaliar, se autoavaliar. É um trabalho que traz resultados imediatos, as pessoas melhoram, mas é um treinamento contínuo. Então, esse é um outro projeto na minha atividade.

Além disso, o outro projeto contínuo é observar o meu neto de um ano e meio [*Risos do grupo*].

**Corpus:** Professor, o Laboratório Corpus agradece imensamente pelo registro.

Entrevista realizada no dia 18/09/09, em São Carlos, SP.

## Sobre o entrevistado

Izidoro Blikstein é graduado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (1960), com Especialização em Letras Clássicas pela mesma instituição (1962). Seu Mestrado, em Linguística Comparativa, foi realizado na Université Lumière Lyon 2 (1962), com o título: *Les finales de l'infinitif*. De 1963 a 1965, trabalhou como leitor nessa mesma universidade. Em 1973, defende, sob orientação de Isaac Nicolau Salum, sua tese de doutorado em Letras intitulada *Perspectiva da Etimologia*, na Universidade de São Paulo. Em 1976, sua livre-docência tem a tese: *O campo morfo-semântico de Kara, 'cabeça'*. Atuou como professor da USP desde 1965 e professor titular, da mesma instituição, em 1984. Atualmente, é Consultor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e Professor Adjunto da Fundação Getulio Vargas - SP. Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Semiótica – Intertextualidade, Semiologia e Semiótica do Discurso; Linguística Comparativa; Comparação de Sistemas Linguísticos com vistas à produção de léxicos e dicionários para traduções e Semântica das Línguas Românicas. Um dos seus projetos de pesquisa atual diz respeito à Análise Linguística e à Semiótica do Discurso Empresarial e Político. É autor de inúmeros artigos no contexto universitário brasileiro. No estrangeiro, seus artigos estão pontuados pela problemática do Holocausto na história da humanidade. Quanto às suas obras, também em grande número, podemos citar as três mais conhecidas do público-leitor na atualidade: **Como Falar em Público: Teorias da Comunicação para Apresentações Técnicas**, pela Editora Ática; **Comunicação Escrita**, pela mesma editora, com 22 edições; e o ensaio **Kaspar Hauser ou a Fábrica de Realidade**, também, pela Ática, em sua décima primeira edição. Tal ensaio, em particular, é significativo para os estudos linguísticos e semiológicos, no contexto brasileiro. Trata-se de um ensaio linguístico sobre Kaspar Hauser, um personagem enigmático que apareceu em Nurembergue, em 1828, passando-se por camponês mal-vestido, mas identificado depois como filho de um grão-duque. O diretor alemão Herzog fez desse homem o personagem principal do filme, cujo título no Brasil é: *Cada um por si e Deus contra todos*. Blikstein foi ainda orientador de inúmeros linguistas que constituem a história disciplinar contemporânea nos estudos da linguagem, entre eles, José Luiz Fiorin e Ione Bentz. Além de todas as suas atividades, ele é um tradutor importantíssimo de obras de referência para o século XX, como por exemplo, o **Curso de Linguística Geral**, de Saussure; **Linguística e Comunicação**, de Jakobson; **Elementos de Semiologia**, de Barthes; **Semântica Estrutural**, de Greimas; **Semiologia e Comunicação Linguística**, de Buyssens.



Foto 1 - Izidoro Blikstein.  
Fonte: <<http://www.fgv.br/>>.

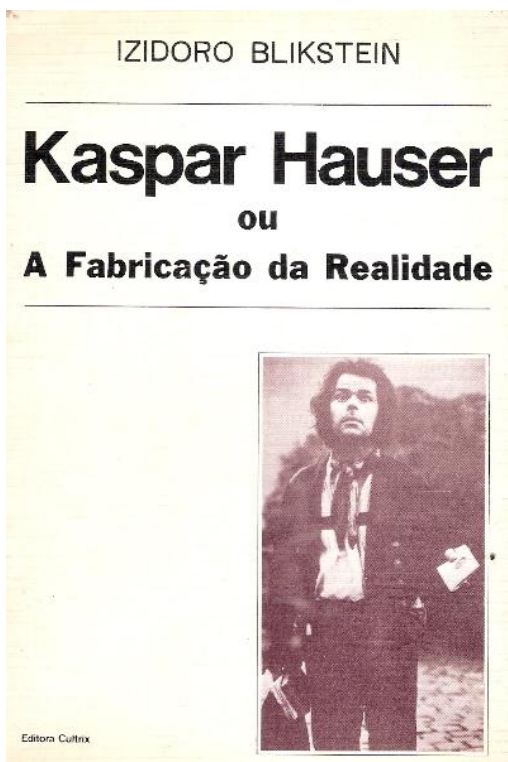


Foto 2 - Capa da obra *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade* (Editora Cultrix, 1983).

Fonte: <[www.pensamento-cultrix.com.br](http://www.pensamento-cultrix.com.br)>.



Foto 3 – Capas de obras traduzidas pelo entrevistado.  
Fonte: Montagem Laboratório Corpus/PPGL/UFSM.





Foto 4 - Izidoro Blikstein e os integrantes do Laboratório Corpus  
(São Carlos - SP, 18/09/2009).

Fonte: Acervo Corpus/PPGL/UFSM.



Foto 5 - Izidoro Blikstein e os entrevistadores do Laboratório Corpus (São Carlos - SP, 18/09/2009).

Fonte: Acervo Corpus/PPGL/UFSM.